

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE DE JARDIM
CURSO DE LETRAS**

NOELY FERREIRA CORREA

**ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA ORAL EM RELATOS DE LENDAS E
MITOS DE MORADORES DA CIDADE DE JARDIM/MS**

JARDIM-MS

2014

NOELY FERREIRA CORREA

**ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA ORAL EM RELATOS DE LENDAS E
MITOS DE MORADORES DA CIDADE DE JARDIM/MS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susylene Dias de Araújo

JARDIM-MS

2014

CORREA, Noely Ferreira

Estudos Culturais e Literatura Oral em Relatos de Lendas e Mitos de Moradores da Cidade de Jardim - Ms / Noely Ferreira Correa. Jardim: UEMS, 2014.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Estudos Culturais
2. Literatura oral
3. Identidade cultural

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Noely Ferreira Correa

Jardim / MS, 03 de Novembro de 2014

NOELY FERREIRA CORREA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA ORAL EM RELATOS DE LENDAS E
MITOS DE MORADORES DA CIDADE DE JARDIM/MS**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientador: Prof. Dr^a. Susylene Dias de Araujo
UEMS/ JD

Avaliador 1

Avaliador 2

Dedico este trabalho às pessoas que me deram muito apoio neste momento importante de minha vida: meu marido Rosalino Santos Mesa e minha mãe Noêmia Ferreira de Lima que com muita paciência me apoiaram e compreenderam os meus momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pois sem ele não teria chegado neste estágio da minha vida. Ele me protege e meus passos.

Agradeço também às minhas colegas de curso que sempre estiveram ao meu lado: Claudia Ligia Salazar, Silvia Talarico e Jilimara Barbosa, por estar desde o primeiro ano nesta caminhada, uma amizade que o tempo não pode apagar. Agradeço também aos professores que me ajudaram a chegar até aqui.

Em especial, agradeço à professora Dr^a Susylene Dias de Araujo, que dedicou o seu tempo para me orientar neste trabalho.

RESUMO

Correa, Noely Ferreira. **Estudos Culturais E Literatura Oral: Relatos de Lendas e Mitos de Moradores da Cidade de Jardim – MS.** 2014. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Jardim, 2014.

O presente trabalho tem por objetivo o resgate da literatura popular e oral do Mato Grosso do Sul, mais especificamente a cultura folclórica dos Sul-Mato-Grossenses da cidade de Jardim-MS. No contexto do estudo, propusemos traçar um panorama histórico passando pelo conceito de Estudos Culturais, para compreender como ocorre a formação da identidade de um povo, sobretudo a identidade cultural dos habitantes de Jardim. Na sequência passaremos a ver o conceito de Folclore, Mito e Lenda. Em seguida partiremos para a cultura popular e assim conhecer o Folclore regional dos moradores da cidade de Jardim-MS.

Palavras chave: Estudos Culturais, Literatura oral, Identidade cultural.

ABSTRACT

CORREA , Ferreira Noely . Oral Literature and Cultural Studies : Stories of Legends and Myths of Residents of Jardim City - MS . 2014. TCC (Graduation) – Languages hab. Port. Engl . Universidade estadual do Mato Grosso do Sul. Jardim, 2014 .

This study aims to rescue the popular and oral literature of Mato Grosso do Sul, more specifically the folk culture of Sul-Mato-Grossenses City Jardim-MS. In the context of the study, we have proposed to draw a historical panorama through the concept of Cultural Studies, to understand how there is the formation of the identity of a people, especially the cultural identity of Jardim inhabitants. Following we will see the concept of Folklore, Myth and Legend. Then depart to popular culture and so know the regional Folklore of the residents of the city of Jardim-MS.

Keywords: cultural studies, oral literature, cultural identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ESTUDOS CULTURAIS: ALGUMAS OBSERVAÇÕES.....	12
1.1 Os Estudos Culturais e seu surgimento.....	12
1.2 Os Estudos culturais no Brasil.....	16
CAPÍTULO II - FOLCLORE, MITOS E LENDAS.....	20
CAPÍTULO III - O OUVIR DA LITERATURA NO MUNICÍPIO DE JARDIM.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo a literatura popular oral foi perdendo território para a literatura escrita e por conta disso a literatura das classes humildes, que possuem falares carregados pela marca do tempo e muitas vezes falta de instrução, é cada vez menos reconhecida. E quando há uma necessidade de buscar essa literatura e fazer sua transcrição, são feitas inúmeras correções, em que são retirados os ditos “erros”, e palavras são trocadas, retira-se os cacoetes, que são as marcas de um povo, ou seja, o escritor ao fazer a transcrição de uma história da oralidade, acaba por alterar a originalidade da cultura popular.

Por isso, este trabalho como conclusão de curso tem por objetivo redescobrir a literatura popular sul-mato-grossense, mais especificamente através de relatos de experiências de vida dos moradores da cidade de Jardim. Foi feito um panorama histórico, da formação da literatura brasileira, partindo do surgimento dos Estudos Culturais britânicos, em que observamos as considerações de Jonathan Culler (1999) e Maria Elisa Cevasco (2009) sobre o tema, para compreender o surgimento e influência destes estudos no Brasil. Por que os Estudos Culturais surgiram? E para que servem tais estudos? O trabalho sobre Estudos Culturais tem identificado uma problemática considerável por conta das múltiplas identidades culturais que se moldam com o tempo. Portanto, é importante o estudo das culturas e identidades culturais transitórias, que se colocam para membros de minorias étnicas, imigrantes e mulheres a uma cultura que se constrói e muda constantemente.

No segundo capítulo, faremos um percurso passando pela conceituação do que é folclore na visão de Hênio Tavares (2002) e seguindo para as considerações de Mircea Eliade (1972) sobre os mitos e mais adiante veremos as lendas sob o ponto de vista de Luís da Câmara Cascudo (2001), mais especificamente as lendas brasileiras.

No terceiro e último capítulo, entraremos mais a fundo na questão do recolhimento de relatos e o ouvir da literatura sul-mato-grossense, veremos a opinião de Frederico Augusto Garcia Fernandes (2002) sobre a importância de se resgatar tal literatura e sua contribuição para o regate da literatura pantaneira. Mais a frente, veremos algumas observações sobre os relatos coletados durante a pesquisa, nestes relatos podemos observar na linguagem dos contadores as experiências de vida, pois alguns destes contadores são ex-moradores de chácaras ou fazendas e recuperam um período em que tais contadores

viveram durante a infância em que a imaginação estava aflorando e por conta de alguns acontecimentos esta imaginação criou asas e estes contadores passaram a acreditar fielmente que tais acontecimentos ocorreram realmente.

CAPÍTULO I

OS ESTUDOS CULTURAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

1.1 Os Estudos Culturais e seu surgimento

Este capítulo tem como objetivo principal apresentar um estudo sobre os Estudos Culturais, sintetizado sua origem a partir de um recorte histórico, compreendendo também seu aparecimento e influência nos estudos de cultura no Brasil.

Iniciaremos com as considerações de Jonathan Culler (1999, p. 48), que relaciona os Estudos Culturais e a Literatura, afirmando que teoria literária não é o mesmo que teoria da literatura, contextualizando “teoria” como “práticas de sentido”, ou seja, a produção e representação da experiência além da cultura no sentido amplo. Afirma ainda sobre a interdisciplinaridade dos Estudos Culturais e sua complexidade tanto quanto a própria teoria. Maria Elisa Cevasco (2009, p. 319) considera também que as manifestações culturais podem ser interpretadas a partir de opções teóricas e práticas. Essas opções configuram respostas às exigências e determinações dos tempos, conforme o momento histórico que se dão. Com a mescla desses fatores, as características da nova forma, vão se transformando à medida que a nova forma toma parte no debate intelectual e registra as marcas em que a prática se fixa.

Segundo Culler, “O trabalho na área de estudos culturais na realidade, depende profundamente dos debates teóricos sobre sentido, identidade, representação e agencia” (1999, p. 49). Com isso, o autor pretende identificar sobre as vertentes que permeiam os Estudos Culturais e os Estudos Literários, expondo os Estudos Culturais em seu sentido mais amplo, como forma de compreender o funcionamento da cultura, sobretudo no mundo moderno, ou seja, como a cultura se organiza em grupos, num mundo de comunidades diversas e miscigenada, de poder de Estado, mídias, indústrias e multinacionais. Os Estudos Culturais abrangem os Estudos Literários, examinando a literatura como forma específica de prática cultural. Para compreender melhor o funcionamento de tais estudos faz-se necessário conhecer como surgiu os Estudos Culturais; seria possível que esses estudos configurassem o desaparecimento dos estudos literários, ao ver que os Estudos

Culturais chegaram a abranger também os Estudos Literários. Veremos então as considerações de Jonathan Culler e Maria Elisa Cevasco sobre o surgimento destes estudos.

Cevasco (2009, p. 319) reconhece o surgimento dos Estudos Culturais na Grã-Bretanha nos anos 1950, como uma corrente crítica que vem para mudar não só o que se estuda na prática, mas de forma crucial, como e para que se estuda. Após a Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra passava por um momento de readaptação social. O governo conservador viu que era necessário abolir as privações na nova era que iniciava com a derrota do nazi-fascismo.

Os Estudos Culturais começam a se desenvolver na educação, refletindo esses impulsos progressistas. Esses estudos não começam em uma universidade de elite, mas em uma escola noturna para adultos a WEA (Worker's Educational Association), em que os meios educacionais eram destinados para a integração social dos trabalhadores, como convém a matriz democratizante. Com a implantação de tais estudos no pós-guerra, viu que era necessário mudar os meios de ensinar, levando em conta a realidade e os anseios de seus alunos e promovendo assim um enriquecimento na forma de ensinar pois, os estudantes buscavam nos fenômenos culturais uma forma de entender o mundo que os rodeava (CEVASCO, 2009, p. 320).

Cevasco aponta três grandes autores e suas obras é que irão moldar os Estudos Culturais, são eles: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), ele é considerado o fundador do CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studie) – Centro Contemporâneo de Estudos Culturais. Em parte é autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. Hoggart concentra seu estudo na imprensa popular, no cinema e na vida cotidiana, abrindo espaço para a inclusão de todos esses assuntos no âmbito da crítica cultural (CEVASCO, 2009, p. 321).

O segundo nome é o de Edward Palmer Thompson, *The Marking of the English Working Class* (1963), a obra deste historiador esta intimamente ligada ao surgimento dos estudos culturais, reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular. Cevasco aponta Thompson como um dos membros do grupo de historiadores mais importantes da historiografia contemporânea inglesa.

Outro nome importante era do galês Raymond Williams com *Culture and Society* (1958), considerado o mais importante crítico cultural britânico, Williams era da classe trabalhadora assim como Hoggart e entrou na universidade com o sistema de bolsas. Em

sua visão constrói um histórico do conceito de cultura, ou seja, constrói a ideia de que a cultura pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das artes, literatura e música. Culler afirma que a obra de Williams (*Culture and Society, 1958*) e de Hoggart (*The Uses of Literacy, 1957*), buscou explorar as ditas culturas operárias populares, pois havia sido quase esquecida à medida que a cultura era identificada como alta cultura – a cultura de expressão do povo e cultura de imposição sobre o povo. Esse grupo de intelectuais de diferentes áreas irá mudar a atmosfera provinciana de *intelligentsia* inglesa. Tais observações foram fundamentais para o desenvolvimento dos Estudos Culturais na Grã-Bretanha e depois nos outros países.

Paralelo a estes autores surge com o estruturalismo francês nos anos 1960, a importância de tratar a cultura e literatura como uma série de práticas cujas regras deveriam ser descritas e uma das primeiras obras sobre os Estudos Culturais modernos, intitulado *Mitologias* (1957), do francês Roland Barthes. Diferente de Hoggart, Tompson e Williams, o livro realiza leituras de atividades culturais diversas, dentre elas então os estudos dos objetos culturais míticos como o vinho francês e o cérebro de Einstein. (CULLER, 1999, p. 49)

Sobre a importância de se analisar a cultura popular ou cultura de grupos marginalizados em contraponto à cultura de massas Culler explica que:

A cultura popular é feita da cultura de massas. A Cultura popular é feita de recursos que se opõem a ela e, desse modo, é uma cultura de luta, uma cultura cuja criatividade consiste em usar os produtos da cultura de massa. (CULLER, 1999, p. 51)

Como podemos verificar Culler reconhece o trabalho nos estudos culturais se identifica em caráter problemático por conta das múltiplas identidades culturais e moldam com o tempo. Portanto é importante o estudo das culturas e identidades culturais transitórias que se colocam para membros de – minorias étnicas, imigrantes e mulheres – uma cultura que se constrói e muda constantemente.

O centro de estudos culturais em Birmingham fundado por Hoggart obteve o período de maior expansão com a chegada de Stuart Hall à direção. Sob a direção de Hall, alunos dos Estados Unidos e Austrália, voltam para seus países e dão início a proliferação de programas de Estudos Culturais que caracteriza nossos dias (CEVASCO, 2009, p. 322-323). Maria Elisa Cevalco ainda questiona sobre a expansão de tais estudos em diferentes países e propõe pensar em termos e não em projetos. Nos dias atuais, há um interesse maior e certa preocupação dos meios de comunicação de massas, assunto preferencial das

mídias a esse respeito Cevasco demonstra como ainda algumas disciplinas se interagem e utilizam os estudos culturais a seu favor.

Da sociologia, vem o interesse pela etnografia e pelas subculturas [...]. Da história, continua o envolvimento com os de baixo, com o interesse pela história oral e pela memória popular. Da literatura, disciplina de origem de Hoggart e Williams, mantém-se o estudo dos textos e dos modos da realidade. (CEVASCO, 2009, p.323).

Hoggart amplia seu interesse sobre os gêneros menos nobres, tais como a ficção científica e pequenos romances o que, como afirma Cevasco, dividem a atenção com uma leitura política de textos da alta literatura. No início deste capítulo vimos as considerações de Culler (1999, p. 48) e seu questionamento sobre os estudos da cultura como uma ameaça à existência dos estudos da literatura. Culler afirma que não há necessidade de conflito entre Estudos Culturais e os Estudos Literários. Os estudos literários não estão comprometidos com os objetos de estudo dos Estudos Culturais, e esses estudos de cultura foram criados como aplicação técnicas de análise literária a outros materiais culturais. Estes estudos tratam objetos e artefatos histórico-culturais como textos que deveriam ser lidos e interpretados. Ao contrário dos estudos literários, que apenas consideravam textos escritos e viam tais artefatos como objetos a serem apenas descritos e não analisados, Culler descreve tais estudos como os estudos culturais, com sua insistência no estudo da literatura como “uma prática de sentido entre outras, e no exame dos papéis culturais dos quais a literatura foi investida, podem intensificar o estudo da literatura como um fenômeno intertextual complexo” (CULLER, 1999, p. 52/53).

Com isso, Jonathan Culler especifica os estudos culturais como práticas de sentido e declara tais esses estudos são de natureza complexa. Por conta disso é necessário aprofundar os estudos de literatura para mais adiante podermos compreender sua complexidade.

No próximo tópico a ser analisado, iremos abordar os Estudos Culturais e sua construção em solo brasileiro, como e em que perspectiva se deu esse estudo sobre a arte local, à proporção em que avançamos em nosso estudo.

1.2 Os Estudos Culturais no Brasil

Desde a colonização a identidade brasileira tem sido marcada pelas diferenças culturais. No Brasil a disciplina se deu por meio da crítica cultural brasileira e os parâmetros destes estudos se deram assim como na Grã-Bretanha. Maria Elisa Cevalco (2003) expõe as ideias de Roberto Schwarz, e reconhece que devemos pensar na nação como um isolamento sociológico diferente, ou seja, um espaço diversificado por intervenções histórico-sociais diferentes, segundo Schwarz,

(...) a colonização não criava sociedades semelhantes às da metrópole e nem a ulterior divisão internacional do trabalho igualava as nações. Mas um espaço da mesma ordem, porque também ele é comandado pela dinâmica abrangente do capital, cujos desdobramentos lhe dão a regra e definem a pauta. (SCHWARZ, 1995 apud CEVASCO, 2003, p. 175-176)

Com isso podemos pensar que mesmo com a diversidade cultural, tal como Cevalco diz, “diversa mas não alheia”, há a transformação dos estudos culturais britânicos e da mesma forma, as críticas culturais brasileiras acarretaram em um projeto que ficou reconhecido como a formação dos Estudos Culturais brasileiros. Segundo Cevalco (2003) foi na Universidade de São Paulo que se instaurou a tradição chamada “radicalismo modesto”. A Universidade foi fundada em 1934, não para ensinar trabalhadores como a WEA, mas com um propósito de elite, a partir de mais um melhoramento moderno. Anos mais tarde por volta de 1941, um grupo de jovens editavam dezesseis números da revista *Clima*, que almejava a crítica cultural e não a conservação de valores, em uma sociedade em processo de industrialização. O membro mais importante do grupo foi Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977), que fazia parte do Partido Comunista durante a juventude, e era antistalinista e marxista. Assim como os jovens que fundaram o movimento britânico “New Left”, nascia a necessidade de criar um movimento brasileiro de Nova Esquerda não dogmática. Assim lembra Antonio Candido, falando sobre fontes de inspiração:

Não se conheciam os escritos que orientavam gerações futuras em um enfoque mais livre do marxismo, como os de Gramsci, Korsh e Bloch; não havia escola de Frankfurt [Adorno, Benjamin, Marcuse, entre outros] e nem New Left Review. (CANDIDO, 1995 apud CEVASCO, 2003, p. 177)

Tanto Paulo Emilio Salles Gomes quanto Antonio Candido faziam parte de *Clima*, e se propuseram desenvolver uma posição de esquerda independente, que mais tarde, em

1945, fundou um pequeno partido a “União Democrática Socialista”, que se desenvolveu como o Partido Socialista Brasileiro em 1947.

Muito parecido com os fundadores dos Estudos Culturais britânico, o Brasil teve três grandes obras que marcaram o início desses estudos, são eles: *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, que tratava das relações inter-raciais; *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, que faz uma leitura progressista da cultura brasileira; e por último é o livro *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado o Junior, este claramente marxista, representante de uma nova esquerda não dogmática. Na explicação de Candido esta obra abordava

Como linha interpretativa o materialismo histórico, que estava sendo em nosso meio uma alavanca extraordinária de renovação intelectual e política. Neste livro ele aparecia pela primeira vez como instrumento de captação e ordenação do real e não como recurso partidário com finalidade pratica imediata. (CANDIDO, 1992 apud CEVASCO, 2003, p. 179)

A geração anterior a Candido desmitificou a retórica liberal e identificou os caminhos para a mudança social brasileira. Em 1959, foi publicado o livro *Formação econômica do Brasil* de Celso Furtado e *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido, estas obras caracterizam um papel decisivo para o entendimento do funcionamento da cultura no Brasil. Candido buscou estudar a formação da literatura brasileira transpondo um estudo interno das obras literárias, mas o problema externo da formação literária, além das dificuldades de alcançar os status em confronto com as normas europeias e hoje as normas norte-americanas de um país “formado”, acarreta no atraso em relação em as desigualdades e acaba se condenando a ser um “um país para o futuro”, Cevasco observa que:

Como na Grã-Bretanha, o interesse pela cultura de jovens politizados mas não dogmáticos acaba mudando a maneira de fazer análise cultural, inaugurando um novo modo de ler os produtos culturais, modo que faz da crítica uma atividade que leva a um conhecimento mais apurado da realidade social cuja mudança é o objetivo político. (CEVASCO, 2003, p. 180)

Um exemplo dessa nova maneira de ler são as análises feitas por Candido e Paulo Emilio Sales Gomes, que caracterizaram também a tradição mais relevante dos Estudos Culturais e que, por consequência tem um poderoso aspecto cognitivo que possibilita amplamente uma análise crítica. De acordo com Cevasco (2003, p. 180), dessa forma ao apresentar a realidade social e histórica como subprodutos culturais, pode-se estabelecer

uma visão a partir do qual a geração seguinte, possibilitando aproximar-se das peculiaridades brasileiras.

Essa geração formaria a “República das Letras”, assim como fizeram os *New Left*, de cunho claramente marxista. Em São Paulo, um grupo de jovens assistentes e estudantes da USP iriam escrever as obras mais impactantes da realidade nacional, esse grupo de jovens costumava se reunir na cada de um dos membros fora das dependências da USP, o mais importante desses membros era o crítico cultural Roberto Schwarz. O objetivo principal do grupo era ler *O Capital* das diferentes perspectivas disciplinares como: crítica cultural, economia, filosofia, história, antropologia e sociologia. Essa variedade possibilitou que todos os trabalhos produzidos por cada um dos membros trouxessem uma linha em comum evidente.

Segundo Cevasco (2003, p. 182), a crítica cultural é a que esta mais perto de ter tido contribuição ao desenvolvimento dos Estudos Culturais no Brasil. Esses estudos da dialética entre peculiaridades brasileiras, história do capitalismo e a dinâmica internacional, foram temas abordados por Roberto Schwarz e a cultura brasileira se desenvolveu através das contribuições da dualidade entre o nacional e o estrangeiro, e como Paulo Emilio Sales Gomes especifica claramente:

Não somos europeus ou americanos do norte, mas, destruídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo é. A penosa construção de nós mesmos se desenvolve rarefeita entre o não ser do outro. (GOMES, 1986 apud CEVASCO, 2003, P. 182)

Com isso Paulo Emilio, expõe o problema da subtração estrangeira de forma crítica, portanto, os Estudos Culturais surgiram como uma nova revisão do conceito de cultura. Como Williams, Schwarz em sua obra desatar o nó da dualidade da cultura nacional em debate, debate este que oscila entre um falso cosmopolitismo e um falso nacionalismo, diz Cevasco. Portanto a problematização em debate não é a imitação do estrangeiro em nem em defender o nacionalismo, este falso problemas está entre as elites brasileiras e o povo brasileiro, bem como afirma Schwarz em seu livro *Nacional por subtração* (1986):

por lógica, o argumento oculta o essencial, pois concentra a crítica na relação entre elite e modelo, quando o ponto decisivo está na segregação dos pobres, excluídos do universo da crítica contemporânea. (SCHWARZ, 1989 apud CEVASCO, 2003, p. 183)

Neste ponto podemos observar que o foco da crítica de conceito cultural está relacionado no que abrange o funcionamento de uma sociedade desigual.

Na verdade o que podemos perceber é que os Estudos Culturais surgiram para abrir as portas no que se refere à compreensão da oralidade como perspectiva literária, dando maior importância a Literatura oral, que por muito tempo esteve esquecida e incompreendida pelos estudiosos da literatura, a partir disto configuramos nossa pesquisa para tentar conhecer parte da literatura oral sul-mato-grossense dos moradores da cidade de Jardim.

No próximo capítulo faremos um percurso histórico dos principais mitos em cada região do mundo, cada uma com sua particularidade, e com isso poderemos compreender melhor cada cultura e seus saberes.

CAPÍTULO II

FOLCLORE, MITOS E LENDAS.

Henio Tavares (2002, p. 420), entende o termo folclore como originado do inglês (folk (= povo) lore (= saber)), ou seja, o saber de um povo ou saber popular. Com isso pode-se entender que grupo social, cada etnia, possui seu saber, suas crenças e assim sua história.

É fato que os mitos e as lendas chamam a atenção pelo seu caráter místico e por explicarem de forma sobrenatural como surgiram as coisas, a existência de deuses e criaturas horrendas que atacavam aldeias, etc. Essas histórias correspondem ao folclore de um país ou região em que são contadas. Tavares afirma que: “O folclore é, (...) um ramo proeminente da Antropologia, bastando esse fato para compreendermos sua inestimável significação no campo do conhecimento humano.” (TAVARES, 2002, p. 420).

Segundo Tavares (2002), a literatura popular encontra fonte original no folclore, pois com ele se torna possível conhecer a psicologia dos povos, e compreender como os países possuem elementos de identificação e um repertório vasto do folclore, podendo haver também traços em comum do folclore entre diferentes nações. O autor salienta que é no folclore que se preserva as tradições e se torna imperecível a alma de um povo.

Segundo Eliade (1972, p. 6), há quase um século os eruditos passaram a estudar os mitos e estes passam a ser reconhecidos não só como no meio usual do termo “fabulas”, “invenção” ou “ficção”, mas, como eram reconhecidos nas sociedades arcaicas, por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. No entanto, desde os tempos dos Xenófanes (cerca de 565-470) o termo *mythos* foi despojado pelos gregos de todo o valor religioso e metafísico; posteriormente o *mythos* passou a significar “o que não existe realmente”, já no campo do judaísmo e do cristianismo, relegou a mitologia como "falsidade" ou "ilusão", o que não fosse justificado ou validado por um dos dois Testamentos era falsidade. (ELIADE, 1972, p. 6).

Para Eliade (1972, p. 6), o mais importante nesses estudos sobre mitos é analisar as sociedades onde os mitos ainda permanecem vivos, fornecendo modelos para a conduta humana e aos valores significativos para à existência. Compreender a estrutura e a função

dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.

Os mitos totêmicos australianos (que é o conjunto de crenças espirituais e sociais ligados a um totem) consistem geralmente em narrativas monótonas relacionadas com as peregrinações feitas pelos ancestrais míticos ou animais totêmicos. Esses mitos contam como, nos tempos do sonho (alcheringa), ou seja, nos tempos míticos, estes Entes Sobrenaturais apareceram e fizeram longas viagens sobre a Terra, alterando e modificando a paisagem ou para produzir certos animais e plantas, até finalmente desaparecerem sob a terra. Segundo Eliade (1972, p. 14), o conhecimento desses mitos é essencial para a vida dos australianos, ensinando como repetir os gestos dos Entes Sobrenaturais.

Mircea Eliade (1972, p. 15) explica que este mito, os jovens passam por diversas cerimônias de iniciação da puberdade, celebra-se diante deles uma série cultos religiosos, com objetivo de elevá-los a categoria de homens. Portanto este mito remete ao conhecimento de ordem esotérica, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico e religioso.

Outro exemplo que Eliade (1972, p. 16) cita é o mito da plantação de arroz em Timor (uma pequena ilha localizada no Sudeste Asiático marítimo, dividido em duas metades), quando se germina o arrozal, chama-se alguém que conhece as tradições míticas referentes ao arroz, então esta pessoa que conhece as tradições, entra em na cabana da plantação, e começa a recitar as lendas referente a origem do arroz, então entende-se que ao citar o mito da origem, obriga o arroz a crescer bonito e vigoroso assim como apareceu pela primeira vez. Este seria o mito da origem em que os mais velhos recitam, forçando magicamente o arroz a retornar à origem.

Mircea Eliade destaca cinco características que os mitos possuem, essencialmente, os mitos que são vividos pelas sociedades arcaicas. Seriam elas:

- 1) constitui a história dos atos dos Entes Sobrenaturais; 2) que essa História é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidade) e sagrada (porque é a obra dos Entes Sobrenaturais); 3) que o mito se refere a uma "criação", contando como algo veio à existência, ou como padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidas; (...) 4) que, conhecendo o mito, conhece a "origem" das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a domina-las e manipula-las à vontade; (...) 5) que de uma maneira ou outra, "vive-se" o mito, no sentido de que se é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. (ELIADE, 1972, p. 18)

Eliade ainda explica que “viver” os mitos significa exercer uma experiência verdadeiramente religiosa, que se difere radicalmente da vida cotidiana, ou seja, retornar às obras criadoras dos Entes Sobrenaturais, deixando-se penetrar em um universo transfigurado e impregnado da presença dos Entes Sobrenaturais, promovendo assim a reiteração do indivíduo. Por conta reiteração o indivíduo, passa a viver em um tempo diferente, no que seria o tempo primordial, em que os eventos sobrenaturais tiveram lugar pela primeira vez, para explicar Eliade afirma,

É por isso que se pode falar no “tempo forte” do mito: é o tempo prodigioso, “sagrado”, em que algo de novo, de forte e de significativos e manifestou plenamente. Reviver este tempo, reintegra-lo o mais freqüentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como em filigrana em todas as reiteraões rituais dos mitos. (ELIADE, 1972, p. 18)

Com isso pode-se entender que o mito revela que o mundo, as pessoas e a vida tem uma origem sobrenatural, significativa e por isso deve ser compreendida como exemplar.

Para entender melhor devemos retornar as origens do mito, Eliade explica, que de modo analógico, ensinam-se às crianças não o que o pai ou avô fizeram, mas o que os seus ancestrais míticos fizeram, dando-lhes a devida importância. É claro que o pai e o avô imitaram seus ancestrais e assim seria possível que, se a criança imitasse seu pai ou avô, obteria então os mesmos resultados. Mas pensar assim seria negligenciar o *tempo da origem* que é o tempo *forte*, portanto o tempo presente não é forte e nem significativo, por esta razão procura-se abolir esta hipótese.

Eliade cita o exemplo de um ritual, no qual os mitos de origem e os cosmogônicos são recitados. Neste exemplo ocorre à recitação solene dos mitos cosmogônicos de origem nas festividades coletivas da ilha Sumba em que são celebrados rituais referentes à colheita e a morte de um membro eminente, etc., neste ritual

- Constrói-se uma casa cerimonial (*mara-pu*) e os narradores, nesta oportunidade, contam da história da Criação e dos Ancestrais. “Por ocasião de todos esses acontecimentos, os narradores evocam com veneração o “começo”, isto é, o momento em que se formam os princípios da própria cultura, e que é preciso preservar como mais valioso dos bens. Um dos aspectos mais notáveis da cerimonia é essa recitação, que na realidade se apresenta como uma troca de perguntas e respostas entre dois indivíduos até certo ponto homólogos, pois são escolhidos de dois clãs unidos por laços de parentesco exógamos. Assim, neste instante capital, os dois recitantes representam todos os membros do grupo, inclusive os mortos – o que faz com que a recitação do mito tribal (que é preciso, ao mesmo tempo, representar como um mito cosmogônico), beneficie ao grupo inteiro”. (ELIADE, 1992, p. 29)

Como podemos ver no ritual, beneficia-se a comunidade inteira, sendo eles vivos ou mortos, consiste em reatualizar o mito, e com isso a comunidade é renovada e reencontra suas “fontes” e revive suas origens.

Outro exemplo é o mito tântrico, nesta concepção pode-se obter a imortalidade por meio das manifestações, e para isso é preciso ir “contra corrente” (*afina sândhana*) e reencontrar a unidade primordial que existia no momento da criação (*in illo tempore*), diz Eliade (1972, p. 64). Para isso é preciso realizar um processo de “absorção” cósmica em seu próprio ser, e retornar à “origem”. Na *Shivasamhitâ* os povos propõem um exercício espiritual significativo, em que depois da criação do Universo feita por Shiva, descrevendo um processo inverso ao da reabsorção cósmica que deve ser vivido por um iogue, este vê o processo inverso da criação e retorna até os primórdios da “origem”, afirma Eliade (1972, p. 64).

O homem se relaciona com o mundo utilizando os elementos simbólicos. O mundo fala através de seus elementos (plantas, animais, rios, estações, noites, etc), e o homem responde utilizando seus sonhos, sua vida imaginativa, por meio de seus ancestrais ou de seus totens, sua capacidade de morrer e ressuscitar por meio de rituais e cerimônias de iniciação, etc. Eliade, refere ao homem arcaico e seu modo de interagir com o mundo e compreender seus elementos, nos seguintes argumentos:

Apesar de saber que é um ser humano e de se aceitar como tal, o homem das sociedades arcaicas sabe que também é algo mais. Sabe, por exemplo, que seu ancestral foi um animal, ou que ele pode morrer e retornar à vida (iniciação transe xamânico), que pode influenciar as colheitas com as suas orgias (que ele é capaz de se comportar com sua esposa como o Céu com a Terra, ou que pode desempenhar o papel da enxada e sua mulher o do sulco). Nas culturas mais complexas, o homem sabe que suas respirações são Vento, que seus ossos são como montanhas, que um fogo arde em seu estomago, que seu umbigo pode tornar-se um “Centro do Mundo”, etc. (ELIADE, 1972, p. 102/103)

O mito consiste na função de revelar modelos para a significação do mundo e a existência da humanidade. O mito configura no discernimento do cosmo e como o mundo é perfeitamente articulado, despontando ideias de realidade valores e de transcendências, ilegível e significativo. Os mitos narram a existência das coisas como e para que surgiram, e em quais circunstâncias e são revelações que engajam o homem mais ou menos diretamente, pois constituem como “história sagradas”, conforme Eliade (1972, p. 103).

Os mitos recordam continuamente os eventos grandiosos que se passaram na Terra, a imitação dos gestos possuem aspecto positivo, ao fazer um ritual o homem eleva-se espiritualmente ao nível dos deuses e heróis míticos, podendo imitar seus feitos e atos. Mas estes feitos são privilégios de poucos. Geralmente os recitadores são recrutados pelos xamãs e os médico-feiticeiros, ou entre os membros das irmandades secretas. Portanto para ser um recitador de mitos o indivíduo deve ter sido instruído pelos velhos mestres e ter provas de sua vocação, e com isso este sempre se distingue por sua capacidade de imaginação ou talento para a literatura.

A recitação não é necessariamente estereotipada. Algumas vezes, as variantes se afastam sensivelmente do protótipo. Evidentemente, os etnógrafos e folcloristas de nossos dias não podem pretender haver desvendado, como suas investigações, o processo da criação mitológica. Eles puderam registrar as variantes de um mito ou de um tema folclórico, mas não a invenção de um novo mito. Os mitos registrados são sempre modificados mais ou menos sensíveis de um texto preexistente. (ELIADE, 1972, p. 104)

Nesta passagem pode-se entender que os mitos sofrem alterações, mas não se distanciam totalmente do predecessor, o papel do indivíduo criador e sua importância na transmissão e elaboração dos mitos foram alvos dos pesquisadores. Eliade cita possíveis fontes de inspiração das personalidades criadoras dentro de uma sociedade arcaica, que seriam as “crises”, os “encontros”, as “revelações”, ou seja, toda e quaisquer experiências religiosas privilegiadas, enriquecida e acompanhada por imagens e de enredos particularmente dramáticos e viventes.

Para finalizar, as experiências religiosas privilegiadas, impõe a toda comunidade os modelos e fontes de inspiração dos poucos indivíduos. Nessas sociedades arcaicas as experiências de renovação constroem e constituem a cultura graças às experiências criadoras destes indivíduos. A sociedade é conduzida pela experiência de reiteração e aprofundamento dos especialistas do sagrado, conduzindo para os valores e significações vinculadas das experiências destes. Segundo Eliade (p. 105), portanto, “o mito ajuda o homem a ultrapassar os seus próprios limites e condicionamentos, e incita-o a elevar-se para ‘onde estão os maiores’”.

No Brasil, Luís da Câmara Cascudo (2001, p. 26) acredita na existência dual da cultura entre todos os povos (na maioria povos indígenas), pois todos estes povos possuem uma cultura sagrada, de iniciação, cultura popular, oficial, de tradição oral que são geralmente

feita de *estórias* de caça e pesca, de episódios guerreiros e cômicos, a gesta dos heróis mais acessível a retentiva infantil e adolescente. Entre os indígenas brasileiros haverá sempre, ao lado dos segredos dos entes superiores, doadores das técnicas do cultivo da terra e das sementes preciosas, o vasto repositório anedótico, fácil e comum. O segredo de Jurupari é inviolável e castigado coma morte o revelador, mas há *estórias* de Jurupari se a unção sagrada e sem o rigores do sigilo, sabidas por quase todos os homens das tribos. São exemplos positivos das duas culturas. (CASCUDO, 2001, p. 26)

Nesta passagem Câmara Cascudo comenta sobre a dualidade cultural entre os povos brasileiros, suas riquezas de incríveis *estórias* de como surgiram os alimentos, os animais, as coisas em geral, Cascudo utiliza como exemplo da lenda folclórica do *Jurupari*, segundo a lenda o Jurupari é um deus da cultura dos povos indígenas, considerado pela igreja como demônio ou espírito mau, “segundos todos os missionários, exceção ao padre Tastevin”, Cascudo explica que:

Jurupari é o legislador, o filho da virgem, concebido sem cópula, pela virtude do sumo da cura do mato, que veio mandado pelo Sol para reformar os costumes da Terra, a fim de poder encontrar nela uma mulher perfeita, com quem o sol possa casar. Jurupari, conforme contam, ainda não encontrou e, embora ninguém saiba onde, continua a procura-la, e só voltará ao céu quando a tiver encontrado. (CASCUDO, 2001, p. 313/314)

Conta ainda que quando Jurupari apareceu era as mulheres que mandavam na Terra e isso era o contrario ao deus Sol, então Jurupari veio e restituiu o poder aos homens e se as mulheres desobedecessem eram mortas. Esta lenda é ainda praticada nas tribos indígenas Tupis, e o Jurupari-demônio é uma imagem da igreja católica do séc. XVI, conta Cascudo.

As atividades culturais se diversificam, por suas funções, seus operantes ou no publico vigente, molda-se uma divisão de trabalho e de uma especialização de tarefas, estes fatores podem contribuir contra a plenitude da voz, com isso instara-se a ideia de fixação do texto, afirma Zumthor (1993, p. 29) e ainda

A mutabilidade, a variação, a incessante retomada dos temas obrigatórios, o remetimento (implícito mesmo) à autoridade de uma tradição não escrita, a predominância não discutida das comunicações vocais figuram, de agora em diante, como meios pobres, algo desprezíveis. Seu uso se marginaliza, logo isolado na zona de nossas "culturas populares". (ZUMTHOR, 1993, p. 29).

Com esta afirmação Zumthor indaga sobre a possibilidade da literatura oral perder espaço para a escrita, fazendo com que a literatura popular ficasse marginalizada ou posta

de segundo plano. Entretanto não é o que acontece nos dias atuais, pelo contrario, a literatura popular ganha mais força conforme os anos passam, os ritos religiosos deixaram de ser apenas de conhecimento das tribos para se tornar de conhecimento mundial através das mídias. Como veremos no próximo capítulo a literatura oral possui inúmeras variações de uma mesma história que no caso da escrita por conta da padronização não há.

No capítulo seguinte apresentamos relatos sobre as lendas que ainda permanecem vivas na imaginação do povo, neste caso o sul-mato-grossense.

CAPÍTULO III

O OUVIR DA LITERATURA NO MUNICÍPIO DE JARDIM

Neste capítulo serão apresentados quatro relatos de histórias vividas, por moradores antigos da cidade de Jardim-MS e região. O município de Jardim fica localizado sobre as margens do rio Miranda e é um dos palcos da Guerra do Paraguai (também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança) e da Retirada da Laguna, constituindo-se como cenário favorável para o surgimento de inúmeras lendas que ainda permanecem na memória do povo. Nossa análise seguirá o modelo metodológico utilizado pelo pesquisador Frederico Augusto Garcia Fernandes em sua obra *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira* publicada no ano 2002, obra na qual o autor faz uma análise da literatura oral pantaneira, resgatando relatos a partir de entrevistas com homens pantaneiros durante as rodas de tererés, quando estes homens passam a trocar experiências, contar causos, falar de lendas e mitos, supostamente vividos.

Segundo Fernandes (2002, p. 13), o contador de histórias consome os momentos e os fatos vividos são compartilhados nas rodas de conversa e assim encantam sua história com magia e com expressões faciais e gestos corporais divertindo seus ouvintes. Pelo fato de contar inúmeras vezes a mesma história, o contador funde lembranças alheias, troca palavras e incorpora personagens. Podemos entender que a literatura popular é tradicional e dinâmica e na medida em que o contador repassa sua experiência modifica a história e altera indícios, aumentando seu repertório conforme o tempo passa.

Para que literatura popular sobreviva é preciso que haja contadores de histórias e alguém para ouvi-las e posteriormente transmiti-las para outros. No estudo relacionado ao homem pantaneiro, Fernandes (2002, p. 22) fala sobre a roda de tereré, uma bebida gelada semelhante ao chimarrão gaúcho, feito a partir da erva-mate misturada com água gelada, em que é consumido em rodas de pessoas que se juntam para compartilhar a bebida, muito comum na região sul-mato-grossense. Na roda de tereré as pessoas trocam experiências, contam causos, histórias de assombrações, lendas e mitos. No caso da nossa pesquisa, os relatos foram recolhidos a partir de conversas informais.

Segundo Cascudo (1971 apud Fernandes, 2002, p 25), a memória é “Imaginação do povo, mantida e comunicável pela Tradição, movimentando as Culturas convergidas pelo uso através do tempo”, isso significa que a memória é coletiva e compartilhada pelas pessoas de um determinado lugar, por isso percebemos que os mesmos fatos que são relatados são praticamente idênticos entre pessoas de um mesmo lugar. Paul Zumthor (1993, p. 139) acrescenta que “graças ao vagar de seus intérpretes - no espaço, no tempo, na consciência de si [...], conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura”. Assim, é através da voz, que a memória “oferece-lhes o espelho mágico do qual a imagem não se apaga”, mesmo que o tempo passe as vozes do “dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real” (ZUMTHOR,1993 p.139), a voz configura-se ao momento único da performance. Durante nossa pesquisa podemos perceber que a tradição está presente nas histórias coletadas, percebemos que as histórias foram adquiridas a partir das experiências de relatos que essas pessoas ouviram durante a infância e que repassaram para seus filhos e netos.

O contador, ao contar suas histórias, se utiliza das performances para dar credibilidade ao seu relato. Por performance entende-se que são os movimentos das mãos, franzir de testa, os movimentos corporais, os ruídos, os objetos próximos, a fala, etc. As onomatopeias também são parte da performance, pois é responsável por despertar a tensão do ouvinte, são indispensáveis para reportar o ouvinte para o momento da ação; os efeitos sonoros e visuais fazem com que a situação da história seja recriada e assim tornando-a mais real e conseqüentemente prender a atenção dos ouvintes. Portanto a performance é

Responsável por despertar a atenção do ouvinte, veículo de uma tradição, revelando uma identidade, o gesto permeia a narrativa, tornando visível o que, no momento da comunicação, o contador não consegue expressar verbalmente [...] “o corpo não é somente um agregado de membros que gesticulam sob nossos olhos... É a nossa maneira de ser no mundo, nosso modo de existir no tempo e no espaço”. (FERNANDES, 2002, p.32)

Da mesma maneira Zumthor (1993, 19) afirma que, quando “a *comunicação* e a *recepção* (assim como, de maneira excepcional, a produção) coincidem no tempo, temos uma situação de performance”. Portanto, os gestos e sons são parte impoente da história, em que o contador recria momentos da história contada a partir de gestos corporais, ou quando não tem palavras para descrever recorre ao graveto e o chão da e terra batido, e com isso utiliza a ilustração quando não há palavras. Durante nossa pesquisa os contadores utilizaram os gestos e expressões faciais para dar mais credibilidade à história contada.

A respeito de mitos e lendas Fernandes (2002, p. 38) se apoia na explicação de Luis da Câmara Cascudo quando este diz que, o mito caracterizava-se por ser “uma constante em movimento e a lenda era “um ponto móvel de referência”, e as semelhanças entre elas são a literatura popular, a moral e as normas comportamentais presentes nas lendas e nos mitos, sejam impondo exigências de respeito ao ambiente, seja atendendo imperativos de ordem social o que equivale a impor ao ouvinte o respeito à lugares sagrados e costumes, ou impor medo nas crianças para que não saiam de perto ou se percam na mata (no caso das chácaras ou fazendas), ou até para que não visite tal lugar em determinados dias e horas por serem considerados sagrados ou assombrados.

A literatura sul-mato-grossense, após a cisão administrativa na década de 1970, que deu origem ao novo estado, ascende pelas crônicas, romances, apontamentos e versos de Hélio Serejo (1912). O escritor, em obras como *De galpão em galpão*, *Zé Fornoalha*, *Mãe Preta*, *Rodeio da Saudade*, *Abusões de Mato Grosso e de outras terras*, *Campeiro da minha terra e Lendas da Erva mate*, as duas últimas de 1978, perfaz um dos mais completos registros acerca da tradição popular em diferentes regiões. Os seus versos e frases conduzem aos ervaais do sul do Estado para galpões de peões, nas terras encharcadas do Pantanal. Desse modo, nesses livros misturam-se apontamentos de um convívio no meio rustico, pendendo para o registro folclórico e o inventario de crenças, com um escritor de histórias alicerçadas em acontecimentos e em tradições populares. (FERNANDES, 2002, p. 98)

Com isso podemos perceber o quão rico é nosso estado em literatura popular, encharcada de relatos de aparições de seres sobrenaturais, quando tais relatos se tornam alvos de pesquisas para a escritura de inventários folclóricos, o escritor possui como alicerce a tradição folclórica e os acontecimentos e para tal escritura faz-se necessário que o escritor faça a transcrição dos acontecimentos. Fernandes entende a transcrição como a primeira etapa de transformação do oral para o escrito e textualização e a transcrição como subsequentes. Por textualização entende-se a reorganização do discurso, em que se faz a limpeza do discurso que se dá por meio da eliminação das perguntas do entrevistador, de cacoetes, de frases incompletas e sem sentido. E por transcrição entende-se como a transformação completa do texto oral para o escrito, ou seja, “um rearranjo das partes da entrevista, de modo de dar coesão e coerência ao texto”(FERNANDES, 2002, p.108)

Assim como Fernandes (2002) optamos por não alterar os falares, pois assim como afirma o autor, a transcrição é um processo de escolha, ou seja, poderíamos optar por

alterar o texto reorganizado de acordo com as formas padrão de escrita, mas escolhemos preservar a oralidade, portanto não caberia padronizar a escrita.

A respeito das performances durante os relatos, foram incorporada ao texto alguns gestos feitos pelos contadores e foram colocados entre colchetes, para dar mais credibilidade ao texto transcrito. Terminado o recolhimento dos relatos de pessoas de mais idade moradores da cidade de Jardim, conseguimos observar que a experiência vivida por estes narradores transparece em suas histórias, experiências estas adquiridas na infância quando moravam em chácaras ou fazendas próximas à cidade.

O primeiro relato foi feito por uma moradora do assentamento “Quero-quero” na chácara Três Meninas, localizado no município de Jardim. Esta relatou a lenda do lobisomem que assombrava sua infância quando morava com seus pais no assentamento Damacuê¹ localizado no município de Bela Vista. Este relato este em que envolve um acontecimento específico ocorrido com sua mãe. A contadora tenta dar o máximo de detalhes possível, já que a memória não é mais a mesma, associa o lugar onde viveu sua infância com elementos imaginários e gestos corporais, como no trecho:

...e ele (o lobisomem) correu atrais dela, ela entro em casa e fecho a porta na mão dele e ele infiô a mão assim [faz o gesto com as mãos como se as enfiasse por uma porta imaginaria] e ela (a mãe) meteu o machete que tinha perto da porta na mão dele assim [ri, simulando com as mãos a ação de cortar] não sei se cortô grande não, nem lembro bem.

O segundo relato foi feito por uma moradora da cidade de Jardim. Neste caso, percebemos que a narradora omitiu o lugar exato em que ocorreram os fatos. Sabe-se que se tratava de uma fazenda próxima à cidade de Bela Vista, onde se passa o acontecimento. Aqui, o Saci é o personagem principal. Nesta história, a narradora diz que um fazendeiro, por ter maltratado a família de seu único trabalhador falecido, foi acometido por uma praga rogada pela viúva de seu peão, e logo depois seu único filho foi carregado pelo Saci:

...ela falo pra ele, como que jogou uma praga pra ele, falo que ia molha as terra dele com as lagrima dele, aí com dois ou dias o filho dele foi carregado pelo saci, ele tinha só um filho, a ai disque esse homem choro, choro, quinze dia ele choro no campo atrás do filho, ele choro, ele trouxe policia, ele trouxe três padre, ele chamou a vizinhança pra procura o filho dele...

¹

Assentamento localizado no município de Bela Vista, fronteira com Paraguai.

E ainda neste relato a narradora utiliza alguns termos que podem ser de difícil entendimento, tais como: “caraguatero²”, “bacaiuva” para bocaiuva³, e mais a frente a narrativa se encerra com um surpreendente desfecho:

...tava neblinando assim [faz um gesto com as mãos simulando a neblina], o cachorro atropelou um caraguatero, alto, e aí eles foram de galope mas com o laço aberto já, aí quando o guri viu ele saiu correndo, e laçaram ele (o menino), e pegaram ele, só que ele não falava mais... (entrevista F. G., 2014)

O terceiro relato feito por um residente da cidade de Jardim é também sobre as travessuras do Saci. Neste relato o narrador da veracidade a história colocando como personagem o próprio pai, afirmando com convicção que o saci escondeu uma criança (que o contador diz ser um parente de sua nora) atrás dele para ninguém encontrar, deixando a família desesperada como no trecho: ... “não tinha um mato nada pra ele se esconde nada, só tinha uma grotta, e ai disque chamavam esse guri e choravam e mãe dele se descabelava e chorava porque era só o menino que tinha”...

Esta história não tem um lugar exato dos acontecimentos, e novamente a realidade se mistura com a ilusão.

O quarto e último relato foi feito por uma contadora também moradora da cidade de Jardim, os acontecimentos foram ocorridos já na vida adulta, neste relato seu marido da época foi o personagem, um homem que trabalhava como caixeiro viajante, e por isso vivia na estrada, quando retornava para casa trazia consigo inúmeras histórias de assombração, e foi uma destas histórias que a contadora relatou não se sabe a veracidade da história e por isso o personagem dá asas à imaginação, como veremos no trecho:

...ele foi atravessa na ponte um dia e tinha duas pessoas na ponte lá, a noite né, aí ele pego os punhal e coloco e cruiz na boca, aí a assombração sumiu,...
...ele foi passa na ponte e tinha outro carro parado com a luz acesa e aí ele paro pra espera aquele carro passa na pontem mas o carro num passava nunca, e aí du nada o outro carro sumiu de cima da ponte, sumiu do nada.

Ao recontar a história, a contadora reproduz os fatos como se os tivesse vivido, algumas formas de falar estão marcadas no relato, repetição de palavras também é utilizada durante o recontar da história dando ênfase na ação.

² Para se referir a um conjunto de moitas de caraguatá, que é uma planta que apresenta longas folhas com fortes espinhos nas bordas e de colorido vermelho-arroxeadado quando em flor, muito comum no cerrado e em matas ciliares.

³ É uma espécie de palmeira que possui longos espinhos e frutas doces.

Em todos os relatos percebemos que os traços linguísticos de uma infância sofrida e vivida em chácaras ou fazendas, salvo apenas a lenda da assombração, no qual os acontecimentos se seguem na escuridão das noites sombrias nas estradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a produção deste trabalho, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da nossa terra, nosso estado e cidade. Com o desenvolvimento da pesquisa pudemos perceber o quão importante é pesquisar e estudar a literatura popular, neste caso a Sul-mato-grossense. Como ponto de partida, os Estudos Culturais, que são os estudos voltados para a compreensão dos diferentes meios de literatura popular, seja oral, música danças folclóricas, rituais, etc., ou seja, todo e qualquer meio de transmissão de cultura, estudos estes que surgiram na Inglaterra e que chegaram no Brasil no anos 40 por um grupo de jovens intelectuais, que contribuíram grandemente para que a literatura popular no Brasil não caísse na marginalização. Hoje a nossa literatura popular, nossas danças, nossas músicas, já estão sendo reconhecida fora de nosso país, uma literatura mista e que se enriquece cada vez mais por conta dos imigrantes que se instalaram por aqui. Estamos em constante mudança, a literatura popular de hoje, amanhã será diferente, assim como a literatura de ontem não é mais como hoje.

Com relatos coletados, tivemos a oportunidade de conhecer melhor cada um dos contadores, pois suas histórias mesclam realidade de vida vivida na infância com o sobrenatural, fruto de sua imaginação, a linguagem de tais contadores é carregada pelas marcas da vida sofrida no campo, sem recursos, afastados de tudo e de todos, que são experiências repassadas através das histórias e que sempre carregaremos na memória.

REFERNCIAS

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI e ZOLIN, Thomas e Lúcia Osana. (Orgs.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Ed. rev e amp. Maringá: EDUEM, 2009. p. 319 - 325.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11º ed. Ilustrada. São Paulo. Global. 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo. 2003

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Editora Perspectiva S. A. São Paulo. 1972

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: editora UNESP, 2002

TAVARES, Hênio Ultimo da Cunha. **Teoria Literária**. Belo Horizonte, MG. ed Itatiaia, 2002

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: A "literatura" medieval**. trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

ANEXOS

Anexo A

Contador: A. M Idade:72 Grau de escolaridade: ensino fundamental 2- incompleto Profissão: Aposentada História contada: LOBISOMEM
--

Qual lenda da região você conhece? Você poderia me contar?

O lobisomem

Quando eu era piquena nois morava no assentamento do Damacuê, falavam que lá tinha um lobisomem. Tava de noite já e minha mãe tava voltando da igreja sozinha, e a chácara do meu pai era longe da igreja e a gente andava só a pé, e quando ela tava voltando pra casa ela percebeu que tinha alguém atrais dela, então ela correu, e ele (o lobisomem) correu atrais dela, ela entro em casa e fecho a porta na mão dele e ele infiô a mão assim [faz o gesto com as mãos como se as enfiasse por uma porta imaginaria] e ela (a mãe) meteu o machete que tinha perto da porta na mão dele assim [ri, simulando com as mãos a ação de cortar] não sei se cortô grande não, nem lembro bem.

Sei que esse bicho saiu correndo, o cachorro correu atrais dele e ele desceu correndo a bera da estrada, notro dia tinha um senhor que tinha o ranchinho lá no fundo do assentamento, e esse senhor tava lá sentado, com um pano amarrado na mão dele, disque tava frio era tempo de frio e ele tava enrolado no cobertor sentado lá, e ele tinha um vendinha e ninguém quis compra mais dele não, tudo que sabia que ele virava lobisomem, só as mercadoria que vinha embalada, bolachinha né, outras coisinha assim, agora o pão ninguém queria compra não, só quem não sabia memo, discerto nunca vendia, porque ali o povo sabia que ele era lobisomem, era um preto memo, um véio.

Ai meu pai também e o meu finado avô falaram que para virar lobisomem tinha que rolar na bosta de burro, ou cavalo, uma coisa assim, aí meu pai pegô e rolô, pra vê se ele virava lobisomem, mas era só mito [risada] mas sele não virô, mas não deu certo.

Mais lobisomem tinha memo, uma vez tamém meu pai pego, mostraram a foto dele tamém que tiram no simitério [da uma pausa] lá da cidade, disque quando ele vira ele vai lá no simitério cava lá, pra tira difunto né, e hoje em dia num se fala mais de lobisomem né, parece que não tem mais e tem gente que fala que é, que lobisomem é uma sina da pessoa, mas se fosse assim até hoje tinha né.

Anexo B

Contador: F. G

Idade: 64

Grau de escolaridade: ensino fundamental1- incompleto

Profissão: Aposentada

História contada: SACI

Qual lenda da região você conhece? Você poderia me contar?

O Saci

Tinha um fazendero, aí um casar que casô já veio fica na fazenda dele, trabalha pra ele, aí o casal ficaro e tivero dois filho, e só o senhor que era pião dele [o fazendeiro], e aí quando o senhor que trabalhava pra ele e que os filho dele já tava hominho, ele adoeceu e morreu, e aí fico os filho dele coma mãe né, e então o fazendero viu que tinha que dá um pedaço da terra pra viúva e pros dois filho, então ele mandou mata os dois rapaz, pra não da o pedaço da terra dele, e a dona descobriu que foi ele que mandou mata os filho dela, e o que ela fez, ela falo pra ele, como que jogou uma praga pra ele, falo que ia molha as terra dele com as lagrima dele, aí com dois ou dias o filho dele foi carregado pelo saci, ele tinha só um filho, a ai disque esse homem choro, choro, quinze dia ele choro no campo atrás do filho, ele choro, ele trouxe policia, ele trouxe três padre, ele chamou a vizinhança pra procura o filho dele, com quinze dia, um dia de manhã tava neblinando assim [faz um gesto com as mãos simulando a neblina], o cachorro atropelou um caraguatero, alto, e aí eles foram de galope mas com o laço aberto já, aí quando o guri viu ele saiu correndo, e laçaram ele (o menino), e pegaram ele, só que ele não falava mais, aí o padre falo:

- Você tem que batiza quinze vezes ele na igreja

E ele mando batiza quinze vezes o filho dele, aí ele (o menino) falo, e conto que era um gurizinho que carregava ele [da uma pausa], e tirava pra ele mel de jati, dava pra ele no dedo, o guri (o saci) quebrava jatobá pra ele chupa, o guri trazia marmelo aquele do guaviral pra ele come, o guri trazia bacaiuva (para bocaiuva) pra ele chupa, assim ele tava vivendo, comida ele não comia, e tava com a mesma roupa, durante esse quinze dia.

Anexo C

Contador: I. S.

Idade: 63

Grau de escolaridade: ensino fundamental 2 – incompleto

Profissão: Aposentado

História contada: Saci

Qual lenda da região você conhece? Você poderia me contar?

O Saci

Um parente da minha nora, diserto ele tinha uns cinco pra seis ano sabe, ele um dia saiu da casa a atravessou um pasto que tem na campo do pai dele, ele atravesso aquele passo (Córrego), aquela agua, ele passo do outro lado e tinha um bacaiuvar do outro lado, ele atreverso e foi lá pra chupa e de lá ele desapareceu e aí disque procuraram, e chamaram e chamaram, e era pequeno e limpo o pátio onde tinha que acha ele, não tinha um mato nada pra ele se esconde nada, só tinha uma grotta, e ai disque chamavam esse guri e choravam e mãe dele se descabelava e chorava porque era só o menino que tinha, e o sol já tava sumindo e meu pai pego o cavalo arreio e saiu, foi atrás do pai do guri né, ele trabalhava na fazenda vizinha, e meu pai foi lá traze ele, e procuravam esse guri, e o sol tava entrando (o sol estava se pondo), tinha uma pinguela assim [aponta para o chão da sala como se a pinguela fosse ali] e tinha um buraco e ele tava lá dentro daquele buraco viasido, e aí a irmã dele subiu na pinguela pra passa do outro lado, como quem ia pra manguera, pra procura do outro lado, ela ia chorando e aia falando:

- Pedro meu maninho onde você tá?

Aí ele disse:

- tô aqui Babala,

E ela viro olha e ela tava lá dentro no fundo da grotta, de pé lá, aí perguntaro pra ele, a onde ele tava durante essa chamada, e ele falo:

- tava aqui! Eu escutei vocês chorando, eu escutei vocês me chama! Só que o filho do seu Camilo não dexava eu fala com vocês!

Era o saci que levo ele, ele falo que era o filho do seu Camilo, porque era o gurizinho mais feio que tinha lá. E disque o gurizinho (o saci) falo pra ele:

- fica atrás de mim pra eles num vê você!

E o menino ficava atrás dele, disque é assim que o saci faz pra esconde as crianças, ele fala pra fica atrás dele pros outros num vê.

Anexo D

Contador: A. E.

Idade:75

Grau de escolaridade: ensino fundamental 2- incompleto

Profissão: Aposentada

História contada: ASSONBRAÇÃO

Qual lenda da região você conhece? Você poderia me contar?

Assombração

O meu marido falava de assombração, o que ele passô de susto, e como que ele sofreu como com assombração, disque lá em Bela Vista, quando ele tava viajando ele vivia encontrano assombração, e ele carregava dois punhal, e ele atravessava em cruís na boca assim [mostra com os dedos simulando os punhais na frente da boca], pra atravessa na ponte, ele foi atravessa na ponte um dia e tinha duas pessoas na ponte lá, a noite né, aí ele pego os punhal e coloco e cruís na boca, aí a assombração sumiu, aí ele passo na ponte tranquilo, teve outro dia qui ele tava com o nosso filho piquinininho no carro, aí ele foi passa na ponte e tinha outro carro parado com a luz acesa e aí ele paro pra espera aquele carro passa na pontem mas o carro num passava nunca, e aí du nada o outro carro sumiu de cima da ponte, sumiu do nada.